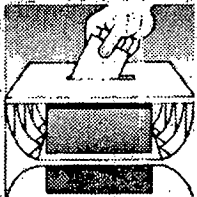


Collor pede: "Não me deixem só"

Novo "slogan" da campanha é um apelo a políticos de oposição para novas alianças

ROBERTO STEFANELLI

BRASÍLIA — "Não me deixem só" — novo slogan da campanha do candidato do PRN à sucessão presidencial, Fernando Collor de Mello — é mais que um jogo de retórica eleitoral nos palanques. É parte de uma constatação e início de uma nova estratégia que pretende colocá-lo acima dos partidos. Collor quer ocupar um espaço suprapartidário depois de constatar que a inexpressividade política das alianças do seu diminuto PRN pode ser o início de um desgaste a empurrá-lo para baixo nas pesquisas de opinião pública. Ele teve de amargar algumas vaias toda vez que



se referia aos seus aliados locais no Amazonas e Roraima.

Manaus e Boa Vista devem ter presenciado os primeiros e únicos comícios do PRN. Collor falará daqui para frente em nome do Movimento Popular de Reconstrução Nacional, ambicionando atrair políticos das mais diversas legendas. De preferência dos partidos que considera progressistas, mas de qualquer um que fale uma linguagem marcadamente antigovernista. Nas suas avaliações, os eleitores querem não apenas uma retórica de renovação, mas de verdadeira vingança contra o poder nas suas diversas esferas.

PROGRAMA MÍNIMO

Ele recusa a palavra pacto, mas no fundo é o que pretende ao propor um entendimento em torno de um programa mínimo com as candidaturas de Roberto Freire, do PCB, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, seus aliados do PSB e PC do B, e Mário Covas, do PSDB. Conta até com o repúdio que sua proposta deve sofrer:

"Eu sou o único que pode

propor isto porque estou na frente das pesquisas. Sei que isto não vai resultar numa reunião destes presidencialistas, mas podemos começar a conversar com suas bases", comenta.

É justamente nas bases do PT, do PSDB e do PDT que Collor mais tem crescido. Dos três partidos, ele só se recusa a conversar com Leonel Brizola, do PDT, que "não ouve ninguém e se julga um predestinado". Brizola ou Ulysses Guimarães do PMDB — na sua avaliação — deve ser o seu adversário no segundo turno.

Collor não esconde que esta sua proposta, se tiver algum sucesso nestes partidos ou em setores destes partidos, pode significar uma promessa de aliança para o segundo turno das eleições. Mas, antes disto, quer atrair figuras de expressão nacional para o seu palanque. Até o momento ele está sozinho.

"NOTÁVEIS"

O senador Itamar Franco, seu companheiro de chapa, deve centralizar os primeiros entendimentos com os "notáveis"

dos outros partidos. Está nos seus sonhos de presidencialista a formação de um grande partido na primeira renovação do Congresso, sete meses após a eleição do novo presidente. Para atrair os atuais políticos, começou uma pregação rumo ao parlamentarismo. "Ninguém conseguirá governar sem o Congresso, mas nenhum político se reelegerá se hostilizar um presidente eleito com mais de 50% dos votos", avalia.

Com o slogan "não me deixem só", Collor quer também plantar sua candidatura em locais onde não possui trânsito nas lideranças políticas. São Paulo, por exemplo: "O eleitorado paulista é cosmopolita. Não obedece a líderes. Ali cresceremos pelas bases, pela imagem".

Mas para isto quer se livrar o mais rapidamente possível das lembranças de sua origem política. "Alagoas é uma página virada. Agora vamos para outro patamar. Sou candidato pelo Brasil. Quero discutir o Brasil", conclui.